

Por entre montanhas e estradas

Aí está Minas: a mineiridade...

Sobre o que, em seu território, ela ajunta de tudo, os extremos, delimita, aproxima, propõe transição, une ou mistura: no clima, na flora, na fauna, nos costumes, na geografia, lá se dão encontro, concordemente, as diferentes partes do Brasil. Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas...

João Guimarães Rosa

Em 2020, Minas Gerais completará 300 anos de existência no dia dois de dezembro. Criada em 1720, a então Capitania das Minas Gerais foi considerada, por muitos estudiosos de sua história, o embrião do Brasil, dada a importância da região para a ocupação e desenvolvimento da colônia portuguesa. Antes mesmo de ter a criação oficializada, contava com vários arraiais e algumas vilas que estampavam nas paisagens as linhas e cores de nosso Barroco. Muitos foram os templos erigidos pelas Irmandades Leigas que aqui se estabeleceram e conduziram a vida religiosa. As fachadas, assim como os altares das Igrejas, retratam o hibridismo cultural do Brasil, além da engenhosidade e do talento de artistas africanos e seus descendentes. Daí a importância de se refletir sobre o significado de nosso patrimônio cultural e de nossa vida social, tanto no que diz respeito aos aspectos artísticos e estéticos quanto nos sentidos históricos. Significa pensar nossa memória e identidade, na tentativa de identificar elementos culturais de grupos e regiões para conferir maior visibilidade a histórias muitas vezes esquecidas. Tal esforço de reflexão faculta a inclusão social de segmentos, quase sempre, marginalizados, dando a conhecer potencialidades e dificuldades das regiões de Minas Gerais.

Em tempos de inseguranças, isolamento social, de águas revoltas, extração de riquezas e empreendimentos que desmoronam vidas, refletir sobre Minas Gerais e sua história torna-se premente necessidade, visto que, antes mesmo de 1720, quando surgira a Capitania do Ouro, a exploração de nosso território já era cotidiana. Neste sentido, pensar a História do que atualmente é o Estado de Minas enseja considerar desafios da contemporaneidade e, em especial, ponderar acerca dos sentidos precípuos da História, quais sejam: percepção do “processo de mudança contínua da sociedade humana” (Lucien Febvre), (a identificação de permanências e rupturas), bem como a análise crítica sobre os fenômenos sociais e o estabelecimento de relações que nos auxiliem no entendimento do mundo em que vivemos. Em síntese, poderíamos dizer que o “fazer História” significa “viver sem tempos mortos”. (Simone de Beauvoir). Recuperar aprendizados e

experiências. Acionar lembranças que se fazem importantes no tempo presente, compondo-o e (re)compondo-o. Muitas vezes, consiste em sentir o “passado que não passa” e ponderar sobre “as ameaças que o futuro encerra (...)”, de vez que o caminho percorrido acaba por descortinar nossa abertura para o porvir, sendo referência que precisamos superar. (Beauvoir). Ao rememorarmos, (re)significamos eventos, construímos sistemas de valores e modos de ver e acreditar. Na formação em História, mais do que rememorarmos, problematizamos, buscamos respostas, evidências e interpretações que nos permitam melhor inteligibilidade do mundo e, por decorrência, atuação e transformação social. Ações em tempos vivos.

Cabe frisar, assim, a relevância do tema abordado pelos trabalhos apresentados na Semana de História *Travessias*, porquanto ao comemorar seus 300 de história, Minas Gerais se depara, atualmente, com questões de elevada relevância social. Sabemos que a Capitania surgiu a partir da exploração do ouro, a qual se desenvolveu em concomitância às atividades agropastoris e comerciais. Responsável pela ligação dos mercados internos, seu comércio proporcionou o acúmulo de bens e a concentração de investimentos em determinadas regiões. Sublinhemos o fato de a agricultura ter assumido papel fundamental aqui, destacadamente o cultivo de alimentos voltados para a subsistência cotidiana de homens e mulheres, assim como dos animais. Nessa direção há, no século XVIII, um aumento contínuo da participação das unidades agropastoris nos investimentos dos moradores da região. Significa dizer que, localizada no centro da Colônia, a Capitania abrigava um expressivo mercado interno, assentado, é claro, na mineração e, também, em comércio dinâmico, favorecendo a circulação de mercadorias e agentes diversos, contribuindo para maior efervescência cultural. Ali, importantes espaços, como Sabará e Santa Luzia, Vila Rica e São João Del Rey apresentaram, na altura, desenvolvimento de atividades voltadas para o cultivo da terra e para o comércio de abastecimento. Já no século XIX, a então Província de Minas Gerais testemunhará a construção de sua nova capital, Belo Horizonte, no Alvorecer da jovem república Brasileira. À altura, a Província contava com a história de um século, marcado pela miscigenação, riqueza, opulência e exploração, assim como, por grande massa de escravos e ex-escravos, homens e mulheres que viviam, não raro, excluídos e/ou esquecidos, em busca de oportunidades. Neste contexto, o Barroco se consolidara enquanto estilo de vida e de época e reluzia a história de uma região que, sob os mais variados aspectos, mostrou-se marcada por especificidades.

Nesta perspectiva, os trabalhos apresentados no evento *Travessias* preocuparam-se, além de refletir sobre a história de Minas, em abordar o seu presente, discutindo sobre comunidades ou segmentos excluídos e/ou violentados socialmente, isto é, comunidades que sobrevivem da mineração e/ou da agricultura, do comércio e de tantas outras atividades que coloriram estas terras e que, de maneira inevitável, carregam as marcas da escravização indígena e africana. Este conjunto de pesquisas e estudos nos permite a melhor compreensão das vivências e saberes construídos, sobre a edificação da memória, o desenvolvimento das formas de trabalho, a utilização do solo, os recursos naturais e, do mesmo modo, as tentativas de preservação de nosso patrimônio cultural.

Ademais, foi possível na Semana de História a realização verticalizada de discussões conceituais, as quais encontram-se refletidas neste dossiê, ajudando a despertar sensibilidades de professores e de graduandos em relação à construção das identidades plurais e da memória regional, das questões atinentes ao espaço geográfico/histórico e à sustentabilidade, bem como à justiça social. Por fim, não se deixou de debater a respeito das renovações historiográficas e das práticas pedagógicas e esforços de integração entre as diferentes áreas que atuam em uma realidade: a mineira.

Temos, então, neste dossiê – valendo-me das expressões de nosso Guimarães Rosa – misturas de reflexões que delimitam, descrevem, unem, revelam o céu e o chão, a geografia, as estradas e encruzilhadas da história de Minas Gerais. Certamente, são páginas que muito nos ensinam e nos contam.... com temáticas diversas, tantos títulos e visões. E não poderia ser diferente diante da pluralidade, pois, “Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas...”

Sílvia Rachi

Belo Horizonte, primavera de 2020...